

Franceses na São Paulo oitocentista: emigração, ofícios e relações comerciais

Vanessa dos Santos Bodstein Bivar*

Resumo: Descortinar o cotidiano dos imigrantes franceses na São Paulo oitocentista também significa perceber as relações articuladas entre Brasil e França nesse contexto.

Ao longo da pesquisa tem-se denotado o quão o comércio se revela importante no dia-a-dia dessa população. Com a propagação do ideário cultural francês, em especial na segunda metade do século XIX, é estratégia de sobrevivência do imigrante articular-se a esse universo. Assim, estão presentes, dentre os ofícios urbanos, casas de negócio que vendiam artigos importados da França, os quais eram anunciados com alarde nos jornais.

Formava-se uma teia de expansão comercial francesa em concorrência aos produtos ingleses e alemães. E é sob essa égide que, para este trabalho, recorreu-se à documentação, existente em arquivos parisienses, remontante ao comércio e às relações consulares, além de bibliografia que aponta alguns questionamentos acerca dos porquês da emigração.

Palavras-chave: franceses; emigração; comércio

Summary : To uncover the day to day life of the French in São Paulo during the nineteenth century also means to perceive the articulated relations between Brazil and France in this context. All throughout the research process it is noted the importance of trade in the day to day of this population. With the spreading of the French cultural thinking, more specifically in the second half of the nineteenth century, it is the survival strategy of the immigrant to insert himself to this universe. Therefore, present among the urban tasks, are business houses that sold imported French articles, which were advertised with ostentation in the newspapers. With this, an expansion web of French trade was formed, competing with the English and German products. It is under this aegis that, for this project, documentation found in Parisian files were used, in reference to trade and consular relations, in addition to bibliography that points out some questionings regarding the reasons to emigrate.

Key words: French people, emigrate; trade.

Do ponto de vista econômico, a França no Segundo Império e em especial a partir dos anos de 1850, passou por um período de desenvolvimento sob diversas facetas: expansão dos transportes, tanto no que se refere à malha ferroviária, quanto à navegação; favorecimento de bancos e sociedades financeiras de modo a fomentar o investimento de capitais; e crescimento industrial, inclusive com a incorporação de descobertas e inovações técnico-científicas reveladas, por exemplo, por ocasião das Exposições Universais.

Não obstante o setor agrícola ter concentrado peso importante no que tange à distribuição da população ativa e à economia como um todo, é patente que a atividade

* Doutoranda em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Agência financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

industrial ganhou impulso, trazendo consigo um crescente processo de urbanização e de incentivo ao comércio exterior.

E é justamente nesse sentido, o da expansão comercial, que os interesses franceses se voltaram para o Brasil, o qual era então uma das brechas na América Latina para o consumo de produtos industrializados. Estes últimos compunham-se basicamente das chamadas *nouveautés* – artigos de luxo que abrangiam desde vestimentas à mobiliários, além dos vinhos. Logo, é sob esta tela que é pintada toda uma estrutura que, percebida através da documentação produzida pelo governo francês, lançava os olhos oficiais à preocupação com estratégias de inserção e, portanto, de exportação de seus manufaturados frente à concorrência das indústrias alemãs e inglesas.

No Brasil, assim como em diversos outros países, a França lançava a sua representação consular à medida em que as relações comerciais se estreitavam. Inicialmente, as cidades portuárias cujos mercados regionais se sobressaíam alicerçavam os consulados permanentes – Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Nesse meio, São Paulo e outras localidades do Império possuíam tão somente agentes consulares subordinados aos cônsules.

A dinâmica de trabalho desses representantes franceses tinha como um dos principais veios formar uma verdadeira rede de informações que se dava através do envio de relatórios e cartas, esmiuçando as diversas possibilidades e entraves da expansão comercial francesa nos territórios sob sua jurisdição.

Essa teia de dados caminhava por algumas instâncias. Em geral, o cônsul recolhia informações junto aos agentes consulares, elaborava um relatório e o enviava ao Ministério das Relações Exteriores onde, por sua vez, eram feitas outras apreciações que anexadas às ditas análises, seguiam para o Ministério da Agricultura e Comércio. Processados, os dados eram então disponibilizados, assim como - tendo os mesmos por base - estratégias eram articuladas aos negociantes e industriais cujo fulcro remetia-se à expansão de mercados para seus produtos, não só com vistas ao mercado consumidor brasileiro propriamente, mas também às matérias-primas necessárias à produção francesa que poderiam dali ser fornecidas.

No Brasil, a Província de São Paulo possuía agentes consulares em Santos e na capital, subordinados ao Consulado do Rio de Janeiro. Foi somente no decorrer da República que a cidade de São Paulo ganhou o status de abrigar um consulado permanente, segregando sob sua jurisdição as agências consulares do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Entretanto, a questão é que tanto para Santos, como para São Paulo, denota-se uma estabilidade por anos a fio na ocupação desse cargo. Durante duas décadas, de 1860 a 1880, Charles Marquois foi o agente responsável por São Paulo e por 11 anos, Bousquet esteve

neste posto em Santos, passando de 1880 a 1889 a ser o agente vice-cônsul, imbuído de ambas as cidades, Santos e São Paulo.

Não obstante, o assunto que tratamos aqui ser basicamente o do flanco comercial, vale lembrar que na prática, percebe-se ingerência dos cônsules franceses não só nas questões que envolvem o universo do comércio, mas também nas diversas instâncias da vida dos compatriotas moradores na São Paulo da segunda metade do século XIX. Assim, documentos encontrados nos arquivos brasileiros como inventários, testamentos, processos de casamento, divórcio e crime, mostram as facetas de sua atuação no cotidiano.

Por outro lado, no sentido da inserção comercial de artigos de fabricação francesa tinha lugar uma preocupação em específico: a concorrência que desfalcava em boa parcela o consumo de seus produtos de exportação.

Na última década do século, através do consulado permanente da França e a pedido do Ministério das Relações Exteriores, deu-se uma enquête junto aos negociantes franceses há anos viventes em São Paulo sobre as causas da diminuição da participação do comércio da França na região. E aí uma série de perguntas foram feitas e problemáticas apontadas a esse respeito, com o intuito de detectar pontos e buscar soluções. Como não havia qualquer Câmara de Comércio articulada por franceses em São Paulo, o consulado – dirigido indiretamente pelo Ministério do Comércio, Indústria e Agricultura – acabava por abarcar uma função unificadora, de criar união entre os negociantes, fazendo-os pensar conjuntamente sobre o mercado para os produtos franceses. Assim, os próprios compatriotas envolvidos no comércio forneciam informações e mesmo dirigiam-se aos agentes consulares, e depois aos cônsules permanentes, para reclamar de qualquer entrave em seus negócios como, por exemplo, as tarifas alfandegárias e a falta de pagamento de alguns credores.

Não se deve achar, porém, que as relações entre o consulado e os franceses que ali moravam eram tão intrínsecas a ponto do primeiro deter controle sob os segundos. Pelo contrário, nas tentativas de levantamento do número de franceses alocados na cidade de São Paulo era corrente a idéia de que a estimativa era falha. Em 1889, o agente consular ao prover em relatório informações sobre a Província de São Paulo constatou que amealhar esse número era quase impossível, na medida em que “nossos compatriotas se retiram, seja ao interior, seja ao estrangeiro, seja a França, sem informar ao vice-consulado”¹. E esta é questão pertinente àqueles que se matriculavam, ou seja, iam ao consulado e davam parte de sua existência e de seu endereço. Porém, há ainda aqueles que, constituem boa parcela, os quais sequer se apresentavam. Inclusive, nesse mesmo relatório foi elucidado que muitos franceses

¹ AN. Cota F12-7052.

desembarcavam no Brasil sem qualquer documento que indicasse nacionalidade, o que tornava mais difícil a intervenção consular². Então, na segunda metade do século XIX, muitos imigrantes franceses viviam em São Paulo, mesmo que não documentados pelo agente consular.

Não só através das declarações dos próprios comerciantes e relatórios passados aos ministérios da França, mas também a partir das tabelas comparativas da entrada de produtos de importação e navios, detecta-se que depois de 1870 implicava em concorrência para além da Inglaterra, a Alemanha, Itália e Áustria que então desenvolviam suas indústrias e marinha mercante.

Os produtos franceses eram reconhecidos sob as facetas qualitativas de confecção superior, elegância e renome. Porém, o conjunto mais abastado da população consumidora desses artigos – que, inclusive, através de viagens comprava diretamente da Europa – constituía-se em uma pequena parcela do mercado. Em São Paulo, os próprios cônsules apontavam para isso em “considerações sobre as causas de ordem geral que obstam o crescimento de nosso comércio no Brasil”³. Sob este ponto de vista, propunha-se atentar para a camada mediana da população, mais numerosa e que constituiria a força, a garantia e a estabilidade dos estabelecimentos comerciais ali alocados.

O consumo cotidiano desse estrato populacional mediante à concorrência é também foi foco de ação dos agentes consulares. Vários relatórios e enquêtes com os negociantes franceses locais discorrem sobre o assunto. Na segunda metade do XIX, ainda antes do advento da chamada imigração de massas, os alemães eram a grande preocupação. Seus produtos atraíam a atenção da clientela, assim como dos próprios negociantes franceses pelos preços baixos e pela boa condição de crédito. Em contrapartida, os artigos provenientes da França eram mais caros, além das casas comerciais e dos industriais com os quais fazia-se a importação não darem facilidades de crédito, exigindo o pagamento quase imediato e isso a despeito dos produtos encomendados demorarem cerca de três meses para chegar ao Brasil. Todo esse conjunto corroborou em entraves à transação comercial.

A concorrência alemã também prejudicava o comércio francês através das contrafações. Produtos, etiquetas e marcas de fábrica francesas eram imitadas por alemães. Sabão, água, vinhos, tecidos, medicamentos e perfumaria, por exemplo, poderiam ser correntemente encontrados no mercado, inclusive em casas de franceses, com a conivência dos próprios compatriotas. Catálogos e casas intermediárias entravam nesse jogo, oferecendo

² Idem

³ AMAE. Correspondance Consulaire et Commerciale. Fond St. Paul. Tomo 1 (1895-1896)

reduções nos preços e alguns negociantes franceses, visando seus próprios interesses na saída de produtos e no conseguinte lucro, não deixavam de aceitar as propostas.

Os agentes consulares apontavam a qualidade dos representantes comerciais alemães, versados nos produtos que representavam e pesquisadores das necessidades de consumo da população local. Mediante esse quadro, uma série de sugestões foram mandadas através desses relatórios para os ditos ministérios da França com o intuito de reverter a situação. Falava-se: da necessidade de instituir sindicatos encarregados de estudar as falsificações e indicar possibilidades frente à concorrência estrangeira; em fomentar instituições de crédito, agências de informações e mesmo a implantação de bancos franceses; enviar representantes permanentes, com maior qualidade, experientes, que falassem a língua do país e esmiuçassem os gostos da população para a introdução certa de produtos; aos fabricantes e às grandes casas comerciais que fossem mais flexíveis em relação ao crédito e reduzissem os preços dos artigos; em lançar mais meios de sedução do público através de propagandas; enfim, fazer com que os franceses envolvidos no comércio em geral tanto na França, como também nos próprios mercados consumidores – em São Paulo, o consulado tentava atuar nesse sentido de união – compreendessem que “deve-se fazer um esforço coletivo no estrangeiro”⁴ com o fim de lutar contra a concorrência. Nesse prisma, a união que tentava-se imprimir funcionaria como mecanismo fortificador e de coesão dos interesses comerciais franceses.

A despeito de todo esse contexto que envolve estratégias de inserção comercial com a emigração por meio das articulações oficiais do governo francês, há, sem dúvida, todo um outro conjunto que permeia a vivência do indivíduo em si. A decisão de emigrar não é incólume, mas desvenda um complexo de situações sócio-econômicas pertencentes ao cotidiano, ligadas, por exemplo, à agricultura, às atividades urbano-industriais, ao crescimento populacional e a mudanças na sociedade como um todo. O desejo de ascensão econômica, de melhorar de vida através de outras oportunidades e mesmo fugir da miséria fazem parte do universo do emigrante, do qual o francês não estava excluído. Muito pelo contrário, a História da França da segunda metade do século XIX está repleta de segregações sócio-econômicas. Em Paris “se acumulavam elementos pobres, ‘inadaptados ou perigosos’, cuja miséria material ou moral os coagiam a partir”(DAUVERGNE, 1963: 4). As crises econômicas agrícolas e o crescente desaparecimento do artesanato domiciliar foram elementos que consubstanciaram a emigração de jovens “que saem, sobretudo, para escapar da miséria” (BONNAIN, 2000: 64).

⁴ Idem.

Durante longo período a emigração francesa como tema, assim como o seu estudo, foram relegados a segundo plano e mesmo negligenciados. Nos países receptores era ignorada e pelos historiadores franceses vista como fenômeno marginal. A explicação tradicional para a falta de análises é a de que o número de emigrantes franceses é menor se comparado aos contingentes de outras nacionalidades, e que parcelas destes foram destinados às colônias da França. Sabe-se, entretanto, que ao nível da micro-história grupos menores ainda são estudados. Logo, o silêncio dos historiadores não pode ser explicado tão só pelas relativamente pequenas porcentagens de saída. François Weil direciona essa explicação à construção da historiografia francesa, ligada ao republicanismo. Quando se deram os vultos da emigração de massas, a idéia de nação já estava construída. E a afirmação do nacional dava-se também no âmbito historiográfico, no qual, então, não havia espaço para aqueles que rompessem o contrato social que os ligava ao destino da nação, ou seja, que saíssem, deixassem a França (WEIL, 2000). Ademais, não havia interlocução entre os historiadores franceses e os historiadores dos países de acolhida, na medida em que era premente a forte distinção que fazia-se entre a História da França e a História de outras localidades.

Por outro lado, quanto aos números de imigrantes, já em 1884 Gustave Lagneau – membro da Academia de Medicina e presidente da Sociedade de Antropologia – salientava que a emigração francesa para o outro lado do Atlântico existia – para além da emigração às colônias – e que em realidade era em porcentagem bem maior do que aquela que se apresentava. Dentre as principais fontes de época, destacava os passaportes, as enquêtes feitas por cônsules fixados no estrangeiro e os dados obtidos através do serviço de emigração. Discorrendo sobre cada uma, aponta as suas lacunas de abrangência. Em primeiro lugar, comenta que a partir de 1860 o uso do passaporte não era mais obrigatório. Em segundo, que poucos dos compatriotas moradores fora da França se matriculavam nos consulados. E, finalmente, para dispor de como os números levantados eram inferiores aos reais, argumenta que o serviço de emigração, localizava-se somente nos principais portos de saída, quais sejam, Bordeaux, Havre, Bayonne e Marseille e nestes havia controle apenas dos navios que partissem com mais de 40 passageiros. Então, torna-se imperante contar os que estão fora dessa lista, ou seja, aqueles que embarcavam em outros portos, inclusive, fora da França e em naus com menos de 40 tripulantes.

Bonnain, por sua vez, em publicação recente elucida que “malograda a opinião geralmente aceita de que os franceses não se expatriam” (BONNAIN, 2000: 61), entre 1806 e 1914 cerca de 1.600.000 pessoas emigraram da França, fator esse que não deve ser

desprezado, pois revela que trata-se de pequeno ou moderado contingente emigratório e com historicidade, mas não nulo.

Por conta disso, o movimento emigratório deve ser considerado em um contexto regional, de localidades - de cada vila, cidade ou distrito - e não nacional. O que serve tanto para a região receptora, como para a de saída. Nesse sentido, na última década esforços historiográficos têm sido feitos para desnudar o universo da emigração francesa para regiões da Argentina, Brasil, Venezuela, Uruguai e Estados Unidos, de maneira a elencar fatores diversos referentes a vida desses emigrantes. Segundo esses estudos, a maior parte constituía-se de homens solteiros e em idade adulta, vindos de localidades periféricas e montanhosas da França com o intuito de se estabelecerem e prosperar economicamente.

Uma vez emigrados, voltavam-se principalmente para os meios urbanos, desempenhando, dessa forma, atividades citadinas e em geral ligadas ao comércio. São padeiros, relojoeiros, ourives, costureiros, cabeleireiros, além de cuidarem de pensões, hotéis e cafés. E essas são atividades agregadoras, que integram. Logo, para além da tendência nata de procurarem seus compatriotas em um meio estrangeiro, que é a localidade de imigração, também no trabalho esse processo se dava. Franceses contratavam franceses, compravam e vendiam produtos da França, ensinavam sua língua e ministravam lições de piano. Em suma, o cotidiano dos imigrantes franceses era por si só irradiador de influências culturais e por conseguinte comerciais.

A pesquisa acadêmica, não obstante o aumento do número de trabalhos, ainda engatinha no conhecimento sobre a imigração francesa. E a tendência é não permanecer estagnada e sim avançar, na medida em que a fundação de associações patrimonialistas, que buscam resgatar o passado, chamam a atenção dos historiadores para o assunto. Descendentes de imigrantes franceses que se fixaram principalmente na região do Prata, reúnem-se sob o auspício institucional, trazendo memórias reconstituídas através da História Oral, documentos e fotos, de maneira a preservar a história de seus antepassados. É assim que funcionam a *Association Savoie-Argentine*, *Association Haute-Saone* – França/México, *Association Rouergue-Pigüe* (Argentina), *Association Franco-Argentine de Béarnais*, dentre outras. Como pode-se perceber a maior concentração desse tipo de instituição é a Argentina, destino mais corrente dos franceses na América Latina (BRUNETON, 2005).

De toda forma, a frase de François Weil é alusiva dos momentos presente e vindouro: “mudamos de uma era em que o problema era o silêncio dos historiadores acerca da emigração francesa, para um novo período no qual o problema se tornou a própria migração francesa” (WEIL, 1996: 456), saindo das sombras de um silêncio enigmático.

Fontes Manuscritas

- Archives du Ministère des Affaires Étrangères (AMAE)

Correspondance Consulaire et Commerciale. Fond St. Paul. Tomo 1 (1895-1896) ; Tomo 2 (1897).

- Archives Nationales (AN)

Série F12 – Commerce et Industrie

- 2698 e 2699: relatórios consulares, boletins comerciais e relatórios diversos dirigidos ao o Ministère des Affaires Étrangères relativos às províncias de Bahia, Pernambuco, Maranhão, Rio Grande do Sul e São Paulo (1823-1873).
- 7426: correspondência entre o Ministère du Commerce et d'Industrie e o Ministère des Affaires Étrangères sobre os problemas do comércio exterior, e documentos relativos à figura do representante comercial (1845-1848).
- 7052: relatórios consulares, boletins comerciais e relatórios diversos dirigidos ao o Ministère des Affaires Étrangères relativos às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo (1879-1906).
- 9218: relatórios consulares, boletins comerciais e relatórios diversos dirigidos ao o Ministère des Affaires Étrangères relativos às províncias de Pernambuco, Rio Grande do Sul, Ceará, Rio de Janeiro, Pará, Maranhão, Bahia e São Paulo (1868-1891).

Fontes Impressas

- Bibliothèque Historique de la Ville de Paris (BHVP)

- LAGNEAU, Gustave. *L'emigration de France*. Paris, 1884.
- GUIDE de l'émigrant au Brésil. Paris : Libraire Charles Delagrave, 1889.
- MARCHAND. A. ; HÉROS, E. *Le Brésil a l'Exposition de Paris 1889*. Paris : A. Taride, 1889.

- Archives du Ministère des Affaires Étrangères (AMAE)

- ANNUAIRE diplomatique et consulaire de la République Française. Paris: Berger-Levrault et Cie. Anos consultados : 1858 a 1889.

- Institut National d'Études Démographiques (INED)

- CHEYSSON, Emile. *La question de la population en France et a l'étranger*. Rapport fait à la Société d'Économique Sociale. Paris : Imprimiere de l'Etoile, 1883.

Bibliografia

BONNAIN, Rolande. Migrations et inscription urbaine des Pyrénéens en Amérique du Sud au XIXe. siècle : Montevideo et Caracas. *Annales de Démographie Historique*. Paris : Belin, n. 1, p. 61-76, 2000.

BOURDELAIS, Marjorie. Les immigrants français à la Nouvelle-Orléans au XIXe. siècle: une longue stabilité des formes d'intégration. *Annales de Démographie Historique*. Paris : Belin, n. 1, p. 27-42, 2000.

BRÈGEARD, Olivier. Une communauté fragile : les français de New York au milieu du XIXe. siècle. *Annales de Démographie Historique*. Paris : Belin, n. 1, p. 43-60, 2000.

- BRUNETON, Ariane (dir.). Histoire et mémoire de l'émigration française vers les Amériques : initiatives et expériences institutionnelles et associatives. *Migrance*, n. 26, 2005.
- DAUVERGNE, Robert. Paris, foyer d'émigration au cours des âges. [S.L.] : [s.n.], 1963.
- GEBOD, Paul. Parisiens et parisiennes hors de France au milieu du XIXe. siècle (1846-1860). *Revue Historique*, n. 604, p. 287-295, 1997.
- GEO, R. H. *Les intérêts franco-brésiliens : nos milliards au Brésil*. Paris : Chronique Latine pour la défense des intérêts français en Amérique du Sud, 1919.
- GILA, Álvarez. La formación de la coletividad inmigrante vasca en los países del Río de la Plata (siglo XIX). *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, año 10, n. 30, p. 299-330, 1995.
- HOUDAILLE, Jacques. Les français à la Nouvelle-Orléans (1850-1860). *Population – revue de l'INED*. n. 6, p. 1245-1250, 1996.
- MENEZES, Lená de Medeiros. Francesas no Rio de Janeiro: trabalho, sonhos e ousadias (1816-1822). *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia: EDUFU, v. 12, n° 15, p. 61-82, ago/dez 2004.
- ROSENTAL, Paul-André. La migration des femmes (et hommes) en France au XIXe. siècle. *Annales de Démographie Historique*. Paris : Belin, n. 1, p. 107-135, 2004.
- TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará*. Natal : UFRN. Ed. Universitária, 1995.
- WALLE, Paul. *Au Brésil, de l'Uruguay au Rio São Francisco*. Paris: E. Guilmoto, 1910.
- WEIL, François. French migration to the Americas in the 19th and 20th centuries as a historical problem. *Studi Emigrazione*. Roma, XXXIII, n. 123, p. 443-460, 1996.
- _____. Les migrants français au Amériques (XIXe. –XXe. siècles), nouvel objet d'histoire. *Annales de Démographie Historique*. Paris : Belin, n. 1, p. 05-10, 2000.